

ESTRESSE CAUSADO AOS TRABALHADORES, DECORRENTE DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL

STRESS CAUSED TO WORKERS DUE TO ECONOMIC CRISIS

Elder Marcos Derisso¹, Nivaldo Aparecido de Andrade¹ e Everton Marcio Derisso²

¹ Universidade Paulista

² Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

RESUMO

A economia globalizada existe desde finais do século XVI. O aspecto mais notório da globalização na atualidade é, sem dúvida, o crescente predomínio dos processos financeiros e econômicos globais. Com o advento do capitalismo, passou-se a ter uma exaltação ao trabalho como o único meio digno de ganhar a vida. A Organização Internacional do Trabalho prevê mais 20 milhões de desempregados em 2009. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o trabalho no mundo globalizado. O objetivo específico foi descrever os efeitos do estresse sobre a saúde do trabalhador, em consequência das incertezas da crise econômica. Como metodologia, optou-se por realizar uma revisão bibliográfica de escritos produzidos entre os anos de 1998 e 2009, sendo utilizados artigos, dissertações e teses dos bancos de dados Lilacs e Scielo Brasil, além de livros e publicações de artigos em jornais; justifica-se a utilização dos mesmos pelo curto espaço de tempo entre os fatos e a pesquisa, de maneira que se utilizaram publicações que tratam de temáticas que envolvem “as questões da crise econômica mundial, globalização, trabalho e estresse”. Dentre os resultados obtidos, constatou-se que houve impactos na saúde psíquica dos trabalhadores e que a crise financeira global pode provocar uma onda de problemas mentais e suicídios. Porém, afirmar que ela é a única causa exclusiva de tais problemas é difícil, haja vista que se deve levar em consideração que esse trabalhador tem problemas em seu cotidiano, dificuldades de toda ordem, fora e dentro do trabalho.

Palavras-chave: crise econômica, trabalhador, estresse, doenças profissionais.

ABSTRACT

The global economy has existed since the end of the sixteenth century. The most striking aspect of globalization at present is undoubtedly the growing dominance of global economic and financial processes. With the advent of capitalism, there was elation to work as the only means of earning a decent living. The International Labor Organization provides over 20 million unemployed in 2009. This study aimed to examine the work in the globalized world. The specific objective was to describe the effects of stress on the worker's health in consequence of the uncertainties of the economic crisis. As a methodology, we chose to conduct a literature review of writings produced between the years 1998 and 2009, and used articles, dissertations and theses of the databases LILACS and SCiELO Brazil, as well as books and articles in newspapers; justified the use of them by the short time between the facts and research, was used publications dealing with the theme “issues of global economic crisis, globalization, work and stress.” Among the results, it was found that, there were impacts on the mental health of workers, the global financial crisis could cause a wave of suicide and mental problems, however, assert that it is the only exclusive cause of such problems is difficult, have that take into account that the worker has problems in their daily life, difficulties of all kinds, inside and outside of work.

Keywords: economic crisis, worker, stress, occupational diseases.

I. INTRODUÇÃO

A economia globalizada existe desde o final do século XVI, época dos grandes descobrimentos e das viagens de exploração dos europeus à África, à Ásia e às Américas. A expansão colonialista da Europa teve repercussões econômicas e sociais importantes, positivas e negativas, sobre os novos territórios alcançados, bem como sobre a própria sociedade europeia (BUSS, 2007).

O trabalho humano tem assumido diversas dimensões e transformações no transcorrer da história. Tais transformações resultaram em mudanças nas formas de contratação e emprego, e nos modos de desempenhar e vender a mão de obra. As crescentes e rápidas transformações, os impactos tecnológicos e a globalização trazem desafios permanentes, exigindo uma grande capacidade de adaptação do indivíduo, no sentido de rever sua concepção de vida, para inserir-se adequadamente no mundo do trabalho (ORNELLAS & MONTEIRO, 2007; MARANHÃO & ANTUNES, 1999; MORAES, PILATTI & KOVALESKI, 2005; BECK & DAVID, 2007).

No início do século XX, no Brasil, o complexo cafeeiro estimulou múltiplas atividades. Apesar das flutuações no preço internacional, a política econômica de desvalorização cambial e compra de estoques permitiu a expansão continuada da onda verde até que, em 1929, os preços caíram vertiginosamente e a crise se instalou, ainda mais profundamente com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. O processo, que começou em 1929, mas cujo ponto culminante se deu tempos depois, em 1933, logo abriu caminho a uma longa fase de recessão: muitas indústrias foram desativadas, as demissões dos operários tornaram-se rotina e os salários sofreram reduções (BARATA, 2000).

A partir da década de 1950, o Brasil viveu um momento de industrialização acelerada, os 50 anos em cinco. Entretanto, esse processo de industrialização baseou-se em empresas multinacionais (FLEURY, ZILBERSTAJN & BATISTA JÚNIOR, 1997).

A globalização da era atual iniciou-se nas últimas décadas do século XX, principalmente nos seus aspectos econômicos e financeiros. Essa globalização caracteriza-se por aumentos significativos no intercâmbio comercial e financeiro, dentro de uma economia internacional crescentemente aberta, integrada e sem fronteiras. A globalização é entendida como um movimento de caráter estrutural do capitalismo, um conjunto de transformações políticas, econômicas e culturais que pretende a integração do mundo em

um só mercado (MARTINE, 2005; FRANCO & DRUCK, 1998; PALMEIRA, 2008).

O aspecto mais notório da globalização na atualidade é, sem dúvida, o crescente predomínio dos processos financeiros e econômicos globais sobre os nacionais e locais (MARTINE, 2005; ARAÚJO, 2006).

A era da aldeia global, como então ficou conhecido o século XXI, caracteriza-se, dentre outros, pelos seguintes acontecimentos: progressiva liberalidade do mercado, personificada pela globalização e formação de mercados comuns; adoção de moeda única dentro de um continente (euro); união de países em blocos econômico-comerciais e criação de áreas de livre comércio (Mercosul¹, União Europeia, Nafta²); consumo virtual (ARAÚJO, 2006).

Os espaços supraestatais têm sido polarizados pelos mais diversos organismos multilaterais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio etc.), por conglomerados empresariais, instituições financeiras, entidades não governamentais etc. Hoje, pelo menos um terço das atividades e dos negócios das 37 mil empresas transnacionais que atuam na economia globalizada, por meio de 200 mil filiais e subsidiárias, é realizado entre elas próprias (FARIA, 1997).

A divisão internacional da produção e do trabalho que se delineou com a globalização trouxe, além dos maus resultados econômicos, também impactos sociais, ambientais e sanitários importantes. Assim, o Brasil é o exemplo da maneira subordinada pela qual muitas nações se inseriram no movimento da economia mundial e do que hoje se chama globalização: fornecendo matéria-prima para os países do Norte ou mercado cativo para o consumo de produtos beneficiados (BUSS, 2007; ZANOTELLI, 2002).

Em consequência, os processos de globalização estão associados às relações de trabalho. Um dos elementos mais nocivos destes processos são os brutais ataques do capital especulativo internacional às economias nacionais mais frágeis de países pobres e de renda média. A globalização conduziu a economia mundial a tomar a forma de uma economia de papel, virtual, imaterial. A esfera financeira chegou a representar seis vezes o montante de riqueza real mundial. E essa gigantesca bolha explodiu. O desastre

¹ Mercado Comum do Sul.

² *North America Free Trade Agreement* (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio).

teve proporções apocalípticas, sendo que mais de 200 bilhões de euros derreteram. A banca de investimentos foi varrida do mapa (ZANOTELLI, 2002; BUSS, 2007).

Econômica e socialmente, este padrão de produção adquiriu forma cada vez mais concentrada e intensiva em capital, cuja expansão e suas crises traduzem-se hoje na globalização da economia, no ressurgimento, com maior força, do problema da exclusão social e da diferenciação entre países do Norte e do Sul, ricos e pobres (FRANCO & DRUCK, 1998).

Na realidade, a ideia da globalização é consequência da velocidade com que, cada vez mais, as informações são processadas ao pretender-se a integração do mundo e do pensamento em um só mercado (MARTINE, 2005; PALMEIRA, 2008).

O planeta, hoje, encontra-se imerso na crise provocada pela bolha financeira dos Estados Unidos da América. Ela repercutiu no mundo todo porque o dólar é a moeda padrão para a economia e o comércio mundial. O desmoronamento de Wall Street é comparável, no âmbito financeiro, ao que representou, no plano geopolítico, a queda do muro de Berlim (OLIVEIRA, 2008; LESBAUPIN, 2008).

Os impactos da atual crise global, difundida a partir da crise dos mercados imobiliário e financeiro dos Estados Unidos, sobre a economia brasileira têm duas portas de entrada. A primeira é o mercado financeiro, por intermédio da livre mobilidade dos fluxos de capitais, com a compra e venda de ações, de títulos da dívida pública e de outros papéis. A segunda porta de entrada da crise é o comércio internacional, o que inevitavelmente ocorrerá em razão da recessão que já vem tomando conta dos EUA, da Europa e do Japão. A crise tem caráter global (FILGUEIRAS, 2008).

No Brasil, no início da crise, o discurso do Governo Lula era de que o Brasil fez a lição de casa e estava preparado para enfrentar a mesma, tendo, inclusive, chamado tal crise de “perdas de cassino”. Nas últimas semanas, já houve mudança do discurso, e tomou-se a decisão de baixar uma medida provisória dando carta branca ao Banco Central para socorrer os pequenos bancos de investimentos que estiverem com dificuldades; houve também a redução do imposto sobre produtos industrializados (IPI) (NEVES, 2008).

Existe uma relação entre o trabalho e a saúde/doença, constatada desde a Antiguidade e exacerbada a partir da Revolução Industrial. Afinal, no trabalho escravo ou no regime servil, inexistia a preocupação

em preservar a saúde dos que eram submetidos ao trabalho, interpretado como castigo. O trabalhador, o escravo e os servos eram peças de engrenagens naturais, pertencentes da terra, assemelhados a animais e ferramentas, sem história, sem perspectivas, sem esperança (NOSELLA, 1989).

Com o advento do capitalismo, passou-se a ter exaltação ao trabalho como o único meio digno de ganhar a vida. O trabalho passou a ser uma das fontes de satisfação de diversas necessidades humanas, como autorrealização, manutenção de relações interpessoais e sobrevivência (CRUZ, 1999; MURTA & TRÓCCOLI, 2004; JACQUES, 1999).

Sendo assim, o desemprego e a inatividade revelam uma dimensão subjetiva e uma repercussão social. As consequências do desemprego na vida do indivíduo atingem questões não somente de ordem financeira, mas de ordem social, pessoal e familiar, influenciando ainda sua identidade profissional e psicológica (JACQUES, 1999; CARDOSO, 2004).

Cada indivíduo tem uma maneira de perceber o mundo e interpretá-lo em função de sua história de vida e de suas experiências, e isso tem uma relação direta com a forma com que ele reagirá a uma determinada situação. Para alguns, um agente estressor pode ser extremamente forte, enquanto, para outros, pode não representar perigo ou ameaça alguma. O estresse é mais antigo que o homem. Quando o *Ramapithecus*, um pequeno macaco que precedeu o homem na escala evolutiva darwiniana, fugia de um dinossauro para salvar a vida, escondendo-se em grutas, ele tinha essa reação biológica denominada como estado de estresse (COLETA & COLETA, 2008; SOUZA et al., 2002).

O estresse não seria uma propriedade da pessoa ou do ambiente, mas poderia se desenvolver a partir da conjunção de um tipo particular de ambiente com um tipo determinado de pessoa. Pressão de tempo, sobrecarga de trabalho, incertezas, falta de autonomia e conflitos com superiores certamente são estressores para um grande número de trabalhadores, mas não necessariamente para todos. Certos tipos de pessoas teriam tendência a reagir mais vezes ou mais intensamente aos estressores organizacionais (PASCHOAL, 2005).

A relação atual entre saúde e trabalho exige que o trabalhador adapte-se, pois a crise econômica que eclodiu com toda a sua força em setembro de 2008 é extremamente séria e terá consequências sociais graves. A Organização Internacional do Trabalho (OIT)

prevê mais 20 milhões de desempregados em 2009. Toda crise traz consigo dor e sofrimento. Tais fatores dizem respeito a questões que envolvem consequências psíquicas decorrentes da situação de desocupação, e que geram sentimentos negativos associados a sofrimento por parte dos trabalhadores desempregados, sendo representados pelo desespero, por perda da esperança e medo de não encontrar um novo trabalho, sensação de desamparo e desorientação, revolta, tristeza, inutilidade e vergonha (FOLHA ON-LINE, 2008a; VEIGA & SILVA, 2007).

Nota-se que as incertezas e o desemprego gerados pela crise econômica produzem consequências para o trabalhador, em termos sociais, psicológicos, morais, bem como na formação de sua identidade. A expansão do desemprego atinge todos os componentes da família, inclusive os chefes, historicamente menos expostos a este risco (VEIGA & SILVA, 2007; BORGES, 2006).

Como dito anteriormente, tais fatores podem ser relacionados como desencadeadores de estresse, que é um estado produzido por uma alteração no ambiente, a qual é percebida como desafiadora, ameaçadora ou lesiva ao equilíbrio dinâmico da pessoa. Existe um desequilíbrio real ou percebido na capacidade de a pessoa satisfazer as demandas da nova situação. A alteração ou o estímulo que provoca esse estado é o estressor (SMELTZER & BARE, 2002).

Considera-se o estresse ocupacional como uma relação entre o indivíduo e seu ambiente de trabalho, caracterizada por uma discrepância entre o que o indivíduo deseja e o que percebe como sendo real (PASCHOAL & TAMAYO, 2005; GLINA *et al.*, 2001).

Fica difícil proteger a saúde do homem sem correlacionar as peculiaridades do trabalho a ser executado com suas implicações ambientais, sociais, econômicas e, assim, proporcionar o bem-estar das pessoas (SOUZA *et al.*, 2002).

Tendo em vista o que é exposto pelos meios de comunicação diariamente, ao mostrarem um momento de instabilidade mundial gerada pela crise financeira, com falência de grandes empresas, demissões em massa, férias coletivas, cortes de gastos etc., isso afeta diretamente as relações de trabalho, de sorte que, para o trabalhador envolto nessas incertezas, é possível desenvolver-se um quadro de tensão, podendo levá-lo ao estresse, à depressão etc. O estresse constitui um importante problema de saúde pública. Diante disso, tal tema foi escolhido para esta pesquisa com a

finalidade de contribuir com a aquisição de conhecimentos com o propósito de auxiliar a solução desta problemática, pois todos os indivíduos, direta ou indiretamente, estão sujeitos aos efeitos gerados pela crise econômica, e também de alertar os profissionais de saúde ocupacional, em especial os enfermeiros do trabalho, sobre os prejuízos à saúde ocasionados pelo estresse (GLINA *et al.*, 2001).

A pesquisa teve como objetivo geral analisar o trabalho no mundo globalizado. O objetivo específico foi descrever os efeitos do estresse sobre a saúde do trabalhador, em consequência das incertezas da crise econômica.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por intermédio de revisão bibliográfica, sendo utilizados artigos, dissertações e teses dos bancos de dados Lilacs³ e Scielo⁴ Brasil, além de livros e publicações de artigos em jornais; justifica-se a utilização dos mesmos pelo curto espaço de tempo entre os fatos e a pesquisa. Para a busca nos bancos de dados, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: crise econômica, estresse, globalização e trabalho. Além disso, todo o material consultado foi redigido em língua portuguesa, tinha acesso gratuito e foi publicado no período de 1998 a 2009, sendo utilizado também um livro do ano de 1989.

Após o levantamento bibliográfico, realizou-se a leitura exploratória, por meio da qual se pôde obter uma visão global do material. Em seguida, efetuou-se a leitura seletiva, que permitiu determinar qual material bibliográfico seria realmente interessante à pesquisa. Finalmente, foram delimitados os textos a ser interpretados, perfazendo um total de 42 publicações que abordavam “as questões da crise econômica mundial, globalização, trabalho e estresse”.

Os materiais selecionados foram lidos criteriosamente e examinados de acordo com a relevância do objetivo da pesquisa, identificando-se as ideias centrais por meio de anotações. Foi analisada a relação entre globalização, crise econômica mundial e as incertezas do emprego/desemprego, mais a relação entre trabalho e trabalhador e os fatores estressores; o que cada texto dizia a respeito da crise econômica mundial,

³ Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

⁴ Scientific Electronic Library On-Line.

quais as consequências que ela traz para a saúde dos trabalhadores, sendo abordados apenas aqueles que mantinham relação com o estresse.

A pesquisa bibliográfica deste trabalho consistiu, portanto, na sintetização e na articulação de concepções de autores que discorreram sobre o tema: globalização, crise econômica mundial, trabalho e estresse.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em consequência, os processos de globalização estão associados às relações de trabalho. No que diz respeito ao trabalho no mundo moderno e globalizado, em primeiro lugar, destaca-se a revolução nas relações existentes entre os homens no mundo do trabalho, quanto à propriedade dos meios de produção e ao produto do trabalho – as mercadorias. Em linhas gerais, observa-se que os produtores artesãos deixaram gradativamente de ser donos dos instrumentos de trabalho, dos meios de produção, passando a constituir a massa de despossuídos e trabalhadores assalariados que se expandiu, ao longo de séculos, juntamente com o processo migratório do campo para as cidades. Os assalariados passaram a enfrentar uma jornada de trabalho determinada, com duração de muitas horas diárias, devendo adaptar-se aos ritmos novos de trabalho, à materialidade daquele ambiente com suas instalações/seus equipamentos e materiais, que foram progressivamente modernizados e utilizados, implicando o aumento da densidade de equipamento por metro quadrado e mecanismos de agressão à saúde, decorrentes de vibrações, ruído, temperatura, traumatismos, alta concentração de poluentes, aumento de produção e pressões por resultados, dentre outros (ZANOTELLI, 2002; FRANCO & DRUCK, 1998).

No mundo onde o trabalho é exaltado como o único meio digno de ganhar a vida, a problemática da demissão representa a exclusão dos trabalhadores. Os reflexos do desemprego atuam sobre a saúde da população trabalhadora e de suas famílias. As demissões levam à perda da identidade profissional e à piora da qualidade de vida, com a diminuição dos recursos financeiros (COLETA & COLETA, 2008; MINAYO-GOMEZ & THEDIM-COSTA, 1997; GLINA *et al.*, 2001).

Antigamente, a definição de saúde era a seguinte: estado de completo bem-estar físico, psíquico e social..., afinal, um conceito idealista e nada operacional, pois bastava um fator estar em desarranjo para que se perdesse aquele estado desejado. Definem-se como

requisitos e condições para a saúde: paz, educação, moradia adequada, alimentação saudável, renda suficiente, ecossistema estável, justiça social e equidade. A Carta de Bogotá reafirmou a saúde como uma consequência do desenvolvimento econômico e social da região, mas enfatizou as dificuldades para se chegar a isso, como a extrema iniquidade que se agrava pelas crises econômicas e pelas políticas de ajuste macroeconômico (STOTZ & ARAUJO, 2004).

A luta pela manutenção do emprego torna-se, portanto, prioritária e obriga a relegar as questões de saúde, que começavam a tomar corpo. Por outro lado, a essa forma inconsequente de lidar com a saúde e a vida une-se a resistência dos indivíduos em aceitar a condição de doentes, provocando medo de perder o emprego e desejo de garantia imediata de sobrevivência, sentimentos aliados aos mais variados constrangimentos que marcam a trajetória do trabalhador (MINAYO-GOMEZ & THEDIM-COSTA, 1997).

A crise econômica mundial vem trazendo incertezas e medo de desemprego para o trabalhador. Há uma relação direta entre a questão da globalização e o desemprego: o quadro de operários estáveis vem sendo reduzido. A redução dos trabalhadores em empresas de todo o núcleo industrial brasileiro, e de tantos parques industriais em tantas partes do mundo, confirma tal tendência. As dispensas e as férias coletivas anunciadas nas últimas semanas não deixam dúvidas de que a crise global já atingiu fortemente a economia real brasileira, e as maiores vítimas, a princípio, são os trabalhadores das indústrias (FLEURY, ZILBERSTAJN & BATISTA JÚNIOR, 1997; CLÉBICAR, 2009).

Comparando-se, observa-se, tanto na crise de 1929 como na crise atual, uma clara ineficiência dos mecanismos reguladores do Estado. Na terça-feira negra, 29 de outubro de 1929, data devastadora para a Bolsa de Nova Iorque e todos os mercados mundiais, a polícia de Nova Iorque resgatou o corpo de um agente comercial das águas do rio Hudson. Além da roupa do corpo, seus únicos pertences eram 9,04 dólares e alguns avisos para pagamento do aumento da margem (VEJA ESPECIAL, 2008). Caso semelhante ocorreu na primeira semana de outubro de 2008. Um gerente financeiro matou cinco pessoas de sua família antes de se suicidar, em Los Angeles, levando às primeiras páginas dos jornais o custo psicológico da crise econômica que os Estados Unidos atravessam. O corpo de um empresário de 45 anos, assim como o de sua mulher, dos três filhos e o

de sua sogra, foi encontrado pela polícia, em sua casa, em um setor residencial nobre, ao norte de Los Angeles. Em uma carta à polícia, o empresário disse que havia chegado à decisão de acabar com sua família e com sua vida, devido às suas dificuldades econômicas. Desempregado há vários meses, ele chegou ao fundo do poço quando viu que o pouco que ainda restava de seu dinheiro estava virando pó no colapso de Wall Street (FOLHA ON-LINE, 2008).

O drama de Los Angeles aconteceu menos de uma semana depois que uma senhora de 90 anos, de Ohio, suicidou-se com um tiro após receber uma ordem de despejo da casa onde viveu os últimos 38 anos (FOLHA ON-LINE, 2008).

Esses dois infelizes acontecimentos alertaram sobre o impacto, na saúde mental das pessoas, da mais dura crise financeira vivida pelo país desde a Grande Depressão, na década de 1930 (FOLHA ON-LINE, 2008).

A crise financeira global pode provocar uma onda de problemas mentais e suicídios, como consequência da expansão da pobreza e do desemprego. Distúrbios como a depressão e o transtorno bipolar já afetam centenas de milhões de pessoas no mundo, e o atual colapso financeiro pode agravar a sensação de desespero entre pessoas já suscetíveis a essas doenças (CORREIO DO BRASIL, 2008; GAZETA DO POVO, 2008; O GLOBO, 2008a).

Pesquisas mostram que as quedas nas ações coincidem com um aumento na mortalidade por infarto. Para chegar a esta conclusão, foram analisados os óbitos ocorridos no Rio de Janeiro, entre 2001 e 2002, e comparou-se o resultado com os gráficos da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). A taxa de óbitos por infarto, quando a desvalorização, no período de 55 dias, foi superior a 20%, atingiu o índice de 10,06% por dia, um valor 36,4% maior do que as taxas encontradas em períodos de calmaria nos mercados (8,8% por dia). Quando analisadas a mesma taxa e a população com educação superior, o aumento chegou a 46,7%, indicando que as classes altas são mais afetadas do que a média da população, ainda que não tenham investimentos na Bolsa e não acompanhem suas oscilações de perto no seu dia a dia, no cotidiano da empresa em que trabalham (CLÉBICAR, 2008).

O nexos entre adoecimento e situação de trabalho não é simples, uma vez que tal processo é específico para cada indivíduo, envolvendo sua história de vida e de trabalho. Para se estabelecer o nexos, torna-se fundamental a descrição detalhada da situação de trabalho,

quanto ao ambiente, à organização e à percepção da influência do trabalho no processo de adoecer. Quanto ao registro de diagnósticos, o capítulo V da CID-10 (OMS, 1998) trata dos distúrbios mentais e do comportamento, e o título que reúne a maior parte dos diagnósticos, onde a dimensão psicossocial do trabalho pode assumir relevância, é o dos distúrbios neuróticos relacionados ao estresse e somatoformes. No capítulo XXI, existe a categoria Z56 (problemas relacionados ao emprego e ao desemprego), que pode ser associada aos diagnósticos do capítulo V, e no capítulo XI, o item Z73 corresponde ao *Burnout* (OMS, 1998) (GLINA *et al.*, 2001; SOUZA *et al.*, 2002).

A maneira como a pessoa lida com as circunstâncias geradoras de estresse exerce grande influência sobre sua saúde, modulando a gravidade do estresse resultante. Os quadros clínicos mostraram a existência de sinais e sintomas ligados a sentimentos (por exemplo: medo, ansiedade, depressão, nervosismo, tensão), fadiga, mal-estar, perda de apetite, distúrbios de sono, distúrbios psicossomáticos (gastrite, crises hipertensivas). Além disso, pode ocorrer contaminação involuntária do tempo de lazer, ou seja, os trabalhadores sonharem com o trabalho, não conseguindo desligar-se do mesmo (MURTA & TRÓCCOLI, 2004; GLINA *et al.*, 2001; SOUZA *et al.*, 2002).

O serviço de *checkup* do Fleury Medicina e Saúde, de São Paulo, registrou aumento de procura após o início da crise econômica, no ano passado. Houve 43% mais clientes no último trimestre de 2008, em comparação com o mesmo período de 2007. A crise econômica tem elevado o nível de estresse de executivos brasileiros e aumentado a procura por serviços cardiológicos e de *checkup* médico. O estresse vem acompanhado de insônia, hipertensão e aumento de colesterol (COLLUCCI, 2009).

Os fatores de risco psicossociais podem desencadear estresse, entendido como uma reação complexa com componentes físicos e psicológicos, resultantes da exposição a situações que excedem os recursos de enfrentamento da pessoa. Dadas as perdas humanas e econômicas, associadas ao estresse ocupacional, tornam-se necessárias intervenções para sua prevenção ou seu controle (COLETA & COLETA, 2008; MURTA & TRÓCCOLI, 2004).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente estudo sobre o estresse do trabalhador e a crise econômica mundial, chegou-

se à conclusão de que, sem dúvida, no processo evolutivo da profissão, os trabalhadores têm se deparado com inúmeros problemas que estão associados a questões históricas, à formação adquirida, às exigências e deficiências de um sistema inserido em um determinado contexto sociopolítico. Mas não só o momento histórico e o contexto socioeconômico devem ser levados em conta para uma maior compreensão do estresse ocupacional do trabalhador. Também é importante distinguir o indivíduo e seu comportamento, considerando-os como elementos importantes na dinâmica deste fenômeno. Existem duas questões centrais sobre o estresse, que são a dimensão ou característica da pessoa e a fonte potencial de estresse no ambiente de trabalho.

Por intermédio da revisão bibliográfica realizada, foi possível verificar que o estresse causado por incertezas geradas pela crise econômica mundial tem relação com o acometimento de problemas de saúde entre os trabalhadores, gerando estresse, depressão e hipertensão, dentre outros danos.

Verificou-se que, no período da atual situação da crise global, as incertezas e consequentes demissões efetuadas pelas empresas causam, nos trabalhadores, impactos em sua saúde. Porém, não há como comprovar que a crise econômica seja a única responsável por tais acontecimentos, visto que outros fatores, como tensão, estresse, ansiedade e transtornos psicológicos, devem ser levados em consideração; que esse trabalhador tem problemas em seu cotidiano, dificuldades de toda ordem, fora e dentro do trabalho, na grande maioria das vezes causando estresse e/ou depressão mesmo sem o indivíduo saber sobre a doença que nele se instala, provocando-lhe uma mortificação dos sentimentos. Assim, o enfermeiro do trabalho, dentre outros profissionais da saúde, terá que olhar holisticamente para esse trabalhador, levando em conta todas as suas necessidades.

Sabendo que a saúde do trabalhador apresenta expressões diferentes segundo a época, o nível social e o país, tem-se a certeza de que, apesar das diferenças, eles (os trabalhadores) mantêm os mesmos princípios.

Pode-se constatar, então, que, para a crise econômica mundial ser considerada como fator determinante nessa situação, há a necessidade de se promoverem mais estudos na área de saúde ocupacional, relacionando a crise econômica com o estresse do trabalhador, uma

vez que foram encontrados poucos estudos que dizem respeito a esta problemática, em consequência de ser algo que ainda está em andamento na sociedade, ou seja, não está concluído, não se chegou ainda ao desfecho final, já que os fatos vêm ocorrendo dia a dia.

Os dados apresentados nesta revisão devem ir além de simplesmente verificar se há relação da crise econômica mundial com o estresse. Este trabalho é importante também para chamar a atenção e servir de alerta aos profissionais de saúde ocupacional, mais especificamente o enfermeiro do trabalho, a fim de buscarem motivação para lidar com a situação dos funcionários que permanecem nas empresas, pois convivem com os noticiários e com as incertezas deste fenômeno assustador chamado desemprego, visto que este pode se transformar em um problema de saúde pública. Por outro lado, também são quase inexistentes os trabalhos realizados por esses profissionais tratando de tal problemática, o que os auxiliaria ainda nas tomadas de decisão no âmbito de políticas públicas de saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não se possa afirmar que a crise econômica mundial seja única e exclusivamente a geradora de estresse no trabalhador na atual conjuntura, os transtornos, as incertezas e os medos podem gerar, nos indivíduos, rupturas significantes de ordem financeira, social, familiar e psicológica, o que leva a concluir que existem evidências dos malefícios que a atual crise econômica traz não somente para a economia, mas também para saúde dessas pessoas.

Sendo assim, conclui-se que, enquanto enfermeiros do trabalho e da área de saúde ocupacional, estes profissionais têm que se preocupar em valorizar o ser do trabalhador, proporcionando-lhe uma qualidade de vida satisfatória, tentando ou fazendo com que o mesmo alcance o reconhecimento e sua valorização profissional. Não se pode esquecer que, ao investir em melhores condições de vida no trabalho e, consequentemente, do trabalhador, a instituição estará investindo indiretamente na elaboração de seus produtos, garantindo melhor qualidade, produtividade e assistência ao cliente.

O desemprego é um fenômeno psicossocial e, nas últimas décadas, tem atingido um número cada vez maior de pessoas, sendo consequência da reestruturação da globalização e do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marley Rosana M. de. Exclusão social e responsabilidade social empresarial. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 2, Maringá, maio/agosto, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200021&lang=pt>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2009.

BARATA, Rita de Cássia B. Cem anos de endemias e epidemias. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 2, p. 333-345, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2009.

BECK, Lucia Maria & DAVID, Helena Maria Scherlowski. O abuso de drogas e o mundo do trabalho: possibilidades de atuação para o enfermeiro. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 11, n. 4, p. 706-711, dezembro, 2007. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=478357&indexSearch=ID>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2009.

BORGES, Ângela. Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, n. 2, p. 205-222, São Paulo, julho/dezembro, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n2/a02v23n2.pdf>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2009.

BUSS, Paulo M. Globalização, pobreza e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 6, Rio de Janeiro, novembro/dezembro, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000600019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de janeiro de 2009.

CARDOSO, Gizelle R. 2004. 174p. Estou desempregado, não desesperado: a vivência do desemprego para trabalhadores desempregados frequentadores do Sine de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC.

COLETA, Alessandra dos S. M. D. & COLETA, Marília F. D. Fatores de estresse ocupacional e coping entre policiais civis. *PsicoUSF*, v. 13, n. 1, Itatiba, junho, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008

000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 de janeiro de 2009.

CLÉBICAR, Tatiana. Crise econômica aumenta risco de infarto, diz cardiologista. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2008/10/06/crise_economica_aumenta_risco_de_infarto_diz_cardiologista-548576447.asp>. Acesso em: 02 de março de 2009.

COLLUCCI, Cláudia. Crise aumenta estresse e procura por check-ups. *Folha On-line*, São Paulo, 17 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u491218.shtml>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2009.

CORREIO DO BRASIL. Crise global tende a causar uma onda de suicídios. Brasília, ano X, n. 3.574, 9 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=144650>>. Acesso em: 02 de março de 2009.

CRUZ, Roberto M. Formação profissional e formação humana: os descaminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: AUED, Bernadete W. (Org.). *Educação para o (des) emprego*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 175-189.

FARIA, José Eduardo. Direitos humanos e globalização econômica: notas para uma discussão. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, São Paulo, maio/agosto, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200004>. Acesso em: 06 de janeiro de 2009.

FILGUEIRAS, Luiz Antônio M. A crise econômica mundial e seus efeitos sobre a economia brasileira. *Núcleo de Estudos Conjunturais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA*, textos para discussão, 2008. Disponível em: <http://www.nec.ufba.br/artigos/Artigos/Textos_para_discussao/2008%20-%20TEXTOS%20PARA%20DISCUSS%C3%83O%20-%20A%20crise%20econ%C3%B4mica%20mundial.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2009.

FLEURY, Afonso C; ZILBERSTAJN, Hélio & BATISTA JÚNIOR, Paulo N. Globalização em debate. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 29, São Paulo, janeiro/abril, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100018>. Acesso em: 10 de janeiro de 2009.

REFERÊNCIAS

FOLHA ON-LINE. OIT prevê 20 milhões a mais de desempregados devido à crise financeira. São Paulo, 20 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u458130.shtml>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2009.

_____. Crise financeira já causa impacto na saúde mental de americanos, dizem especialistas. São Paulo, 11 de outubro de 2008a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u455105.shtml>>. Acesso em: 02 de março de 2009.

FRANCO, Tânia & DRUCK, Graça. Padrões de industrialização, riscos e meio ambiente. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 3, n. 2, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231998000200006&lang=pt>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2009.

GAZETA DO POVO. Crise financeira pode aumentar casos de doenças mentais, diz OMS. Curitiba, 9 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/mundo/conteudo.phtml?id=816139>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2009.

GLINA, Débora Miriam R.; ROCHA, Lys Esther; BATISTA, Maria Lúcia & MENDONÇA, Maria G.V. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 17, n. 3, Rio de Janeiro, maio/junho, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de janeiro de 2009.

GLOBO, O. Abalo global: crise aumenta demissões e desemprego no Brasil pode atingir média de 9% em 2009. Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2008/12/06/crise_aumenta_demissoes_desemprego_no_brasil_pode_attingir_media_de_9_em_2009-586879088.asp>. Acesso em: 16 de janeiro de 2009.

_____. OMS: crise financeira vai aumentar incidência de doenças mentais. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2008a. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2008/10/09/oms_crise_financeira_vai_aumentar_incendencia_de_doencas_mentais-548639226.asp>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2009.

JACQUES, Maria da Graça C. Identidade e trabalho. In: CATTANI, Antônio D. (Org.). *Trabalho e tecnologia*. Dicionário crítico. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 127-131.

LESBAUPIN, Ivo. Lições a tirar da crise econômica internacional. *Agência de Informação Frei Tito para a América Latina – Adital* (Notícias da América Latina e do Caribe), outubro, 2008. Disponível em: <<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=35831>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2009.

LOBIONDO-WOOD, Geri & HABER, Judith. *Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação, crítica e utilização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

MARANHÃO, Ricardo & ANTUNES, Maria Fernanda. *Trabalho e civilização*. São Paulo: Moderna, 1999.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, São Paulo, julho/setembro, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001&lang=pt>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2009.

MINAYO-GOMEZ, Carlos & THEDIM-COSTA, Sônia Maria da F.A. construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 13, suppl. 2, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000600003&lang=pt>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2009.

MORAES, Gláucia T. B. de; PILATTI, Luiz Alberto & KOVALESKI, João Luiz. Acidentes de trabalho: fatores e influências comportamentais. In: XXV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO – ENEGEP, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre-RS: Abepro, 2005. p. 2.416-2.423. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2005_Enegep0404_1353.pdf>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2009.

MURTA, Sheila G. & TRÓCCOLI, Bartholomeu T. Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20 n. 1, Brasília, janeiro/abril, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000100006>. Acesso em: 04 de janeiro de 2009.

NEVES, Lafaiete. O Brasil na crise. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, n. 104, 2008. Disponível

REFERÊNCIAS

em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/08/ln.htm>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2009.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e educação. In: MINAYO-GOMEZ, Carlos; FRIGOTTO, Gaudêncio; ARRUDA, Marcus; ARROYO, Miguel & NOSELLA, Paolo (Orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 27-42.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. Crise financeira e crise do capitalismo. *Agência de Informação Frei Tito para a América Latina – Adital* (Notícias da América Latina e do Caribe), novembro, 2008. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=36032>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

ORNELLAS, Thué C. F. de & MONTEIRO, Maria Inês. Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 4, Brasília, julho/agosto, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000400015>. Acesso em: 18 de janeiro de 2009.

PALMEIRA, Eduardo M. As forças econômicas da globalização e os investimentos estrangeiros diretos. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, n. 97, 2008. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/08/emp.htm>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2009.

PASCHOAL, Tatiane & TAMAYO Álvaro. Impacto dos valores laborais e da interferência família – trabalho no estresse ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 2. Brasília, maio/agosto, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000200007>. Acesso em: 25 de janeiro de 2009.

SMELTZER, Suzzane C. & BARE, Brenda G. Homeostasia, estresse e adaptação. In: SMELTZER, Suzanne C. & BARE, Brenda G. *Brunner e Suddart – Tratado de enfermagem médico-cirúrgica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 70.

SOUZA, Alfeu D. de; CAMPOS, Círbia S.; SILVA, Édson C. & SOUZA, José O. de. 2002. Estresse e o trabalho. Monografia (Especialização em Medicina do Trabalho) – Sociedade Universitária Estácio de Sá. Campo Grande-MS: Sues/AMMS. Disponível em: <<http://www.fundacentro.sc.gov.br/areas/6.pdf>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2009.

STOTZ, Eduardo N. & ARAÚJO, José Wellington G. Promoção da saúde e cultura política: a reconstrução do consenso. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 2, São Paulo, maio/agosto, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 de janeiro de 2009.

VEIGA, Heila M. Silva & SILVA, Narla I. A. Construção de escala para avaliar sofrimento psíquico-social de trabalhadores desempregados. *Avaliação Psicológica*, v. 6, n. 1, Porto Alegre, junho, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 de janeiro de 2009.

VEJA ESPECIAL. O crash da Bolsa. *Veja*, São Paulo, outubro de 1929. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/especial-quebrou-panico-aco-es-wall-street.shtml>>. Acesso em: 02 de março de 2009.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. Globalização, Estado e culturas criminosas. In: II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Porto Alegre: AGB, 2002. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/download/bib_zanotelli_por.rtf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2009.

Endereço para correspondência:

Elder Marcos Derisso. Rua José de Alencar, n. 1.030 - Fone: (16) 3411-1469 - São Carlos - São Paulo - CEP 13566-000.

E-mail: lemonz@bol.com.br